

Uma metamorfose na Arte: do figurativo ao contemporâneo

Heitor Andrade Amorim¹
Margarete Sacht Góes²

Resumo

O presente estudo busca abordar o desenvolvimento da arte, do período figurativo ao contemporâneo, a partir do recorte histórico de trabalhos de artistas como Frans Post, Tarsila do Amaral, Kazimir Malevich, Liubov Popova, Lygia Pape e Lygia Clark. Fundamenta teoricamente sua discussão em Barbosa (2003), Canton (2009), Archer (2001) e Iavelberg (2018). Finaliza discutindo a perspectiva da Arte Contemporânea no contexto da Educação Infantil, destacando a sensorialidade e a estesia como pontos fulcrais a serem experienciados com crianças pequenas.

Palavras chaves: Arte Contemporânea. Ensino da Arte. Sensorialidade. Crianças.

Abstract:

The present study seeks to approach the development of art from the figurative to the contemporary period from the historical cutting from artists`Works such as Frans Post, Tarsila do Amaral, Kazimir Malevich, Liubov Popova, Lygia Pape and Lygia Clark. He bases his discussion theoretically on Barbosa (2003), Canton (2009), Archer (2001) and Iavelberg (2018). It concludes by discussing the perspective of Contemporary Art in the context of Early Childhood Education highlighting sensoriality and esthetics as key points to be experienced with young children.

Keywords: Contemporary Art. Teaching of Art. Sensoriality. Children.

¹ Estudante do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. *E-mail:* <amorim.heitor@gmail.com>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. *E-mail:* <magsacht@gmail.com>

Introdução

O plano de atividades intitulado *Uma metamorfose na arte: do figurativo ao contemporâneo*, ocorreu em quatro aulas de aproximadamente trinta minutos cada. Teve como motivação o tema *animais*, que estava sendo abordado pelo grupo 5 de um Centro de Educação Infantil, da cidade de Vitória, no Espírito Santo.

Pelo fato de as crianças estarem estudando a metamorfose dos animais, optamos por abordar o desenvolvimento da arte, do período figurativo ao contemporâneo, tendo como recorte algumas obras do século XVII de Frans Post, passando pelo modernismo, pela arte abstrata, até chegar ao contemporâneo. Para isso utilizamos os trabalhos dos artistas: Tarsila do Amaral, Kazimir Malevich, Liubov Popova, Lygia Pape e Lygia Clark. Tendo esta última, o recorte voltado para a sensorialidade no que tange à Arte Contemporânea.

Levar abordagens e discussões em Arte foi um ponto relevante na concepção do projeto, visto que também possuímos como finalidade a nutrição artística das crianças e dos profissionais envolvidos no grupo cujos integrantes eram formados em Pedagogia.

Nesse sentido, organizamos o nosso texto em três partes. Após esta introdução, faremos uma revisão de literatura, abordando aspectos importantes da Arte Moderna e da Arte Contemporânea no contexto do ensino da Arte no Brasil. Entretanto, voltaremos nossas discussões para o contexto das crianças pequenas. Em seguida, discutiremos sobre a nossa experiência na disciplina de Estágio Curricular na Educação Infantil, no qual desenvolvemos nosso projeto e vivenciamos experiências únicas com as crianças da Educação Infantil. Por fim, trataremos nossas considerações finais.

Metamorfoseando: do figurativo ao contemporâneo

Metamorfose vem do grego *metábole*, que significa mudança, transformação. É nesse contexto de mudança, que a Arte Contemporânea vai se inserindo nos espaços escolares e extraescolares. De acordo com Canton (2009), a Arte mistura “[...] cada vez mais questões artísticas, estéticas e conceituais aos meandros do cotidiano, em todas as instâncias: o corpo, a política, a ecologia, a ética, as imagens geradas na mídia etc.” (CANTON, 2009, p. 9) e se aproxima cada vez mais de todas as pessoas. A autora nos ajuda a pensar nos sentidos da Arte, provocando-nos a perceber a obviedade dos objetos por outra ótica e levando-nos a criar diferentes possibilidades de sensibilização e libertação das ideias preconcebidas.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica (ISSN: 1676-840X). Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. Esp., n. 1, p. 9-24, Edição Especial, 2019.

Entretanto, para compreendermos os sentidos da Arte a partir de uma concepção mais contemporânea, é preciso pensarmos nos processos de transformação pelos quais ela passou. Façamos, então, uma breve digressão na história para podermos entender o presente. Voltamos à segunda metade do século XIX, momento em que a Arte Moderna adotava o termo *avant-garde*, “[...] estar “à frente”, isto é, fazer algo novo, e a noção de “guarda”, que se liga à luta, à ruptura” (CANTON, 2009. p. 18), para demarcar suas ações, pois aliada às transformações do seu tempo buscava uma aproximação do artista com os processos histórico-culturais, produzindo então, obras originais que rompessem com o *status quo*. Era preciso que a “[...] Arte se tornasse tão inovadora e radical quanto a vida” (CANTON, 2009, p. 19).

Surge no meio artístico diferentes experiências envolvendo a luz natural, as impressões pessoais, a construção das formas, o movimento, a abstração, entre outros elementos, experiências que buscavam nos desenhos infantis a inspiração para criar e transformar o olhar, que se voltava também para a criança e a arte infantil.

Nesse período, as ideias modernistas aliadas às ideias da Escola Renovada desconstruíram a noção do papel passivo da criança. Coadunando com esses ideais, o arte/educador Viktor Lowenfeld (1903-1960) advoga pela “[...] livre expressão artística e o desenvolvimento do potencial criador das crianças, aspectos por ele considerados forças naturais que devem ter espaços na sociedade para desabrochar como direito, sem impedimentos ou julgamentos estéticos dos adultos” (IAVELBERG, 2018, p. 76).

No contexto brasileiro, os artistas se uniram e renovaram a linguagem artística, pois

[...] O que os unia era a vontade de criar um modo de pintar e esculpir que se libertasse da maneira realista e clássica ensinada na Escola de Belas-Artes e explorasse ingredientes brasileiros, com cores, luminosidade, paisagens e personagens do país. Cada uma fazia isso à sua maneira (CANTON, 2009, p. 33).

Essa busca dos artistas modernistas pela liberdade de expressão reverberou na relação dos arte/educadores com as crianças, porque se compreendia a arte infantil como autoexpressão que possuía um fim em si mesma e que encerrava as crianças em fases ou etapas de desenvolvimento.

Compreendemos a grande contribuição dos arte/educadores modernistas, que conseguiram dar visibilidade à produção artística das crianças, entretanto, fundamentados em uma perspectiva histórico-cultural, aproximamo-nos do pensamento da Arte Contemporânea

para pensar as crianças e a Arte por meio de um trabalho que busca vivências e experiências estéticas.

Como todo processo de transformação, essas concepções foram desconstruídas a partir de autores que adotam a perspectiva Histórico-cultural no campo da Psicologia. Neste trabalho, fundamentamo-nos em Vigotski (2010), pois ele nos ajuda a pensar as relações que as crianças estabelecem com as diferentes formas de linguagem, bem como a complexidade existente no processo de apropriação de conhecimentos histórico-culturais. Nos aproximamos então, da Arte concreta brasileira.

O concretismo na arte é a promessa de construção do novo, pois prega uma arte democrática, acessível a todos, em sua simplicidade e objetividade. Prega uma linguagem universal, livre de contextos específicos e do excesso de subjetividade e emotividade. Os artistas concretos buscam uma arte que substitua a expressão emocional pela noção de pensamento, de construção mental (CANTON, 2009, p. 43).

Buscamos assim uma arte que dialogue com a vida das crianças, com suas vivências e experiências concretas, trazendo o “[...] corpo como algo vivo, integrado às experiências dos sentidos” (CANTON, 2009, p. 44), levando-as a se apropriarem diretamente da produção artística contemporânea por meio das diferentes linguagens.

Destarte, poderíamos inferir que na Educação Infantil isso já acontece, haja vista que os próprios documentos orientadores compreendem a importância de se trabalhar todas as linguagens de forma imbricada. Porém, o que vemos, é um misto de ideias e de concepções teóricas que se fundamentam em práticas que se alternam, pois ora são modernistas, voltadas para a livre expressão, e ora são tradicionais, com a utilização de desenhos fotocopiados e atividades sem propósitos de aprendizagem e significação artística.

Compreendemos que é preciso discutir com os Arte/Educadores que trabalham especificamente com essa faixa etária o que significa fazer Arte na Educação Infantil a partir de uma perspectiva contemporânea, na qual as crianças são sujeitos de direito, que têm muito a nos dizer e a nos ensinar. Segundo Archer (2001, p. IX),

[...] Hoje existem poucas técnicas e métodos de trabalho, se é que existem, que podem garantir ao objeto acabado a sua aceitação como arte. Inversamente, parece, com frequência, que pouco se pode fazer para impedir que mesmo o resultado das atividades mais mundanas seja erroneamente compreendido como arte (ARCHER, 2001, p. IX).

Concordamos com Archer (2001), por entendermos que, pelo fato da arte contemporânea ter se tornado muito experimental, houve um certo distanciamento entre essa

produção artística e o público em geral, e nesse sentido, inserimos os Arte/Educadores que, diante da realidade de ser um professor no nosso país, muitas das vezes repetem “técnicas e métodos de trabalho”, misturando teorias e tornando o ensino da arte inacessível ou distante da realidade das crianças.

Para o teórico Fernando Cocchiarale “[...] a arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas, o principal de tudo isso são os novos tipos de relação que ela nos faz estabelecer” (COCCHIARALE, 2006, p. 66)

Foram essas relações que buscamos ao trabalhar com as crianças os artistas Frans Post, Tarsila do Amaral, Kazimir Malevich, Liubov Popova, Lygia Pape e Lygia Clark, a partir da proposta triangular, de Ana Mae Barbosa (2003), pois nessa perspectiva, aproximamos o cotidiano das crianças ao ensino da arte, criando possibilidades para a criação, fruição e contextualização das obras de Arte, com propostas educativas contemporâneas e sensíveis à vida das crianças pequenas.

O projeto

O projeto teve como base a leitura de imagens, presente em todas as atividades por meio das rodas de conversa. Iniciamos as atividades com o intuito de aumentar o repertório imagético das crianças e propiciar um momento de sensibilização do olhar e expressão através da fala. Entretanto, nos propusemos ainda a apresentar, de forma sucinta, um recorte da historicidade da arte, experienciando momentos de pintura, composição e cor, lançando mão de recursos como a colagem e abstração, além de explorar sensorialidade e a estesia, aspectos fundamentais para trabalharmos o ensino da Arte com crianças pequenas.

Assim, as atividades foram divididas da seguinte forma: a primeira aula abordou a leitura de imagens apresentando o recorte histórico proposto; a segunda, a produção de pintura em telas individuais, fazendo a leitura de imagens dos trabalhos de Frans Post e Tarsila do Amaral; a terceira aula foi marcada pela discussão da abstração, através da leitura de imagens de Kazimir Malevich, Liubov Popova e Lygia Pape, seguida de fazer artístico abstrato com colagens de formas geométricas; e por fim, para a arte contemporânea, houve a exploração da sensorialidade, utilizando máscaras baseadas nas *Máscaras sensoriais* de Lygia Clark. A finalização do plano foi marcada por uma avaliação realizada através de uma roda de conversa, em que as crianças e a professora regente puderam expressar suas opiniões sobre a experiência proporcionada pelo plano proposto.

Nessa perspectiva, realizamos a primeira intervenção no dia 10 de maio de 2018, e a atividade proposta foi fazer leitura de imagens, tendo como tema a história da arte. Por meio **Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica (ISSN: 1676-840X). Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. Esp., n. 1, p. 9-24, Edição Especial, 2019.

de uma roda de conversa (Figuras 1 e 2), foi apresentado às crianças um recorte sucinto da passagem do figurativo para o contemporâneo na historicidade da arte. Exercitando a leitura de imagens e a verbalização.

Figuras 1 e 2: Roda de conversa



Fonte: Do autor

Na roda de leitura de imagens utilizamos, a fim de representar a arte figurativa, as seguintes obras do o holandês Frans Post: *O rio São Francisco* - óleo s/ tela, 60 x 95 cm, 1635 (Figura 3), duas aquarelas, uma retratando uma Capivara - aquarela ou guache s/ papel (Figuras 4) e a outra um Jaguar - aquarela ou guache s/ papel (Figuras 5). A escolha do artista e das obras teve o intuito de dialogar com o tema que estava sendo abordado nas aulas naquele período, *animais*.

Figura 3: O Rio São Francisco



Figura 4: Capivara



Figura 5: Jaguar



Fonte: www.google.com

Nessa mesma perspectiva seguiu-se a próxima seleção, passando pelo período modernista brasileiro, com Tarsila do Amaral e as obras *Sol poente* - 1929, óleo s/ tela, 64 x 62 cm (Figura 6) e *O touro*, 1928, óleo s/ tela (Figura 7). A paisagem de *Sol poente* estabelece uma conexão com o tema ao trazer elementos presentes em *O rio São Francisco*, e a liberdade no uso da cor e da forma tocante ao período, permite ainda fazer a passagem para o abstrato geométrico.

Figura 6: O Sol poente



Fonte: www.google.com

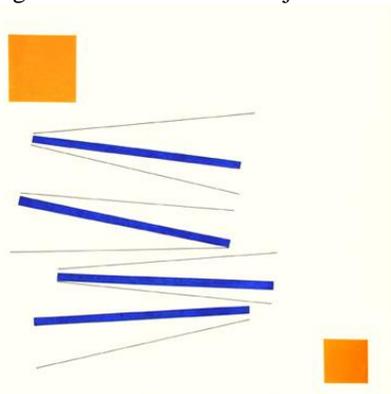
Figura 7: O Touro



Fonte: www.google.com

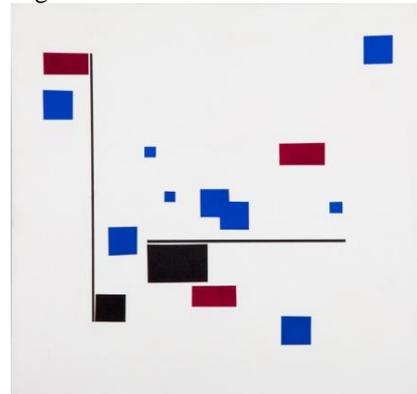
Para essa transição utilizamos as árvores (cilindros verticais) de O touro, presentes nas pinturas abstratas de Lygia Pape, Pintura em laranja e azul, 1955 - 1956, esmalte e têmpera s/ madeira, 40 x 40 x 3 cm, e a obra Sem título, de 1954 - 1956 (Figuras 8 e 9).

Figura 8: Pintura em laranja e azul



Fonte: www.google.com

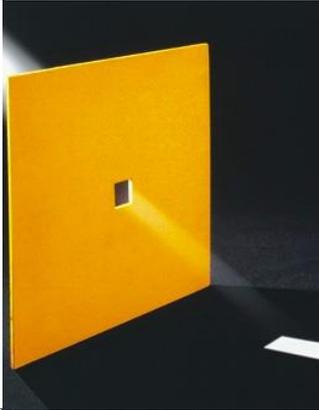
Figura 9: Sem título



Fonte: www.google.com

Para o elo entre Lygia Pape e Lygia Clark, reproduzimos o fragmento Luz do Livro da criação - 1959 (Figura 10), em cartolina amarela e papel paraná. Abordando a tridimensionalidade e a interação com o expectador, chegamos assim, às máscaras sensoriais de Lygia Clark (Figura 11). Esta foi exemplificada através de uma “reprodução” do trabalho, podendo ser vestida e experienciada pelas crianças.

Figura 10: Luz do Livro da criação



Fonte: www.google.com

Figura 11: Máscaras sensoriais



Fonte: Lygia Clark: uma retrospectiva do Itaú Cultural

Nesse contexto, a primeira atividade foi realizada no início da rotina escolar, a intervenção ocorreu de forma tranquila e, como o planejado, as crianças fizeram a leitura de imagens e, na sequência, a discussão que as envolviam. A professora regente nos deu muita autonomia para a realização da atividade, ao comunicar às crianças que ministrariamos as aulas de Arte, e também, nos momentos de interação com os objetos (reprodução da *Luz* e da máscara).

As crianças demonstraram empolgação na interação com os objetos (Figuras 12, 13 e 14), perguntaram bastante sobre a máscara, quando avisadas que teriam um dia só para experimentação, deram sugestões de como poderiam ser as máscaras e se mostraram ansiosas para tal momento.

Figuras 12, 14 e 14: Experimentando a máscara sensorial



Fonte: Do Autor

Na segunda intervenção, para abordarmos o figurativo, trouxemos como proposta a pintura em tela, sendo esta individual, nas dimensões 20 x 30 cm e a tinta guache. A atividade, realizada no dia 17 de maio de 2018, teve seu início com uma breve recordação da

atividade anterior, com a exibição das obras de Frans Post e Tarsila do Amaral, seguida da orientação da atividade prática, que era pintar um bicho/animal na tela (Figura 15).

Figura 15: Processo de pintura da tela



Fonte: Do Autor

No que se refere a logística da atividade, o tempo estipulado para ações prévias não ocorreu como o imaginado. A divisão das tintas nos potinhos e a inscrição dos nomes das telas poderiam ter sido feitas antes, diminuindo o tempo de espera entre o fazer artístico e a roda de conversa, entretanto, consideramos que esse momento do estágio é formativo, nos dando possibilidades de adequar as nossas práticas no decorrer do processo. Quanto à produção das crianças, destacamos três aspectos marcantes: a experimentação da tinta (Figura 15); a influência do ambiente escolar (Figura 16); e os interesses individuais (Figura 17).

Figura 15: a experimentação dos materiais



Fonte: Do Autor

Figura 16: a influência do ambiente escolar



Fonte: Do Autor

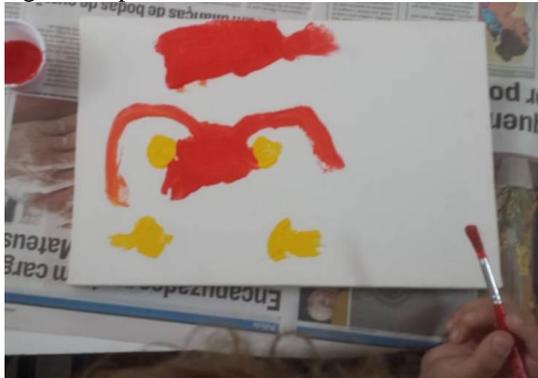
Marcada pela mistura das tintas, que resultava numa sequência de criação de cores, e pelos gestos proporcionados pelo pincel, a experimentação dos materiais esteve presente no trabalho de quatro crianças. O segundo aspecto resultou nos bichos representados nas telas, como as borboletas, muito presentes no corredor da escola, seja por imagens ou pelo borboletário ali instalado para acompanhar o processo de metamorfose delas. Outra influência do ambiente foi a onça, discutida na leitura de imagens da obra de Frans Post.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica (ISSN: 1676-840X). Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. Esp., n. 1, p. 9-24, Edição Especial, 2019.

Já o interesse individual da produção, não desconsiderando esse aspecto das produções citadas anteriormente, mas destacando as crianças que trouxeram um repertório mais pessoal, como animais preferidos, e uma criança que representou o Mario Bros, personagem muito presente na fala dela, pois se interessava por jogos eletrônicos.

Houve uma conversa individual, à medida em que as crianças foram terminando as pinturas, tendo como base a fala sobre a experiência e a impressão do resultado final. Esse momento foi marcado por dois pontos, o primeiro por um pouco de frustração gerado pela diferença entre a produção pictórica e o desenho. Mais habituados ao desenho, em suas falas havia algo como uma justificativa pela produção não ter ficado como elas esperavam. Já o segundo ponto, foi a satisfação pelo trabalho, pelo processo experienciado. Trazemos então o exemplo de uma criança que fez a experimentação das tintas. Sua fala é marcada pela sensibilidade e reconhecimento sobre sua própria produção (Figura 18). Ela diz que pintou como adulto e que gostou principalmente da pequena luz que deixou no cantinho. A luz citada refere-se a uma pincelada em vermelho que ficou sobreposta por camadas de tinta azul.

Figura 17: pintura de Mario Bros



Fonte: Do Autor

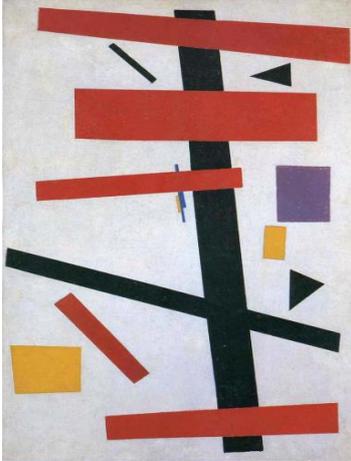
Figura 18: o processo de experimentação



Fonte: Do Autor

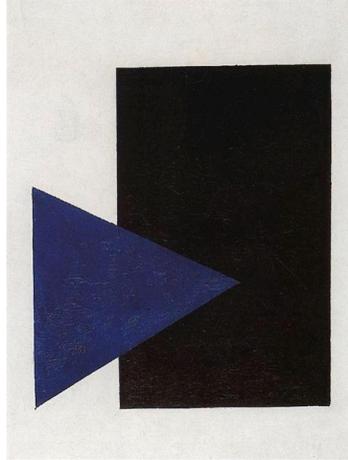
Realizada no dia 24 de maio de 2018, após a roda de conversa, propusemos a terceira atividade, que teve como conteúdo a abstração geométrica, fazendo a ligação entre o figurativo e o contemporâneo. Iniciamos com uma roda de conversa lembrando as atividades anteriores e as pinturas abstratas de Lygia Pape e, posteriormente, apresentamos, por meio de uma nova leitura de imagens, as obras de Kazimir Malevich (Figuras 19 e 20) e Liubov Popova (Figura 21). Em seguida, as crianças sentaram-se à mesa em grupos de quatro e o fazer artístico foi realizado por colagens com formas geométricas (quadrado, retângulo e triângulo) sobre papel “filipinho” preto na dimensão A4. Ainda, foram disponibilizadas tesouras para que as crianças pudessem alterar e criar as formas já disponíveis, estas nas cores: amarelo, preto, azul, verde, marrom e laranja.

Figura 19: Sem título
Popola



Fonte: www.google.com

Figura 20: Triângulo azul e retângulo preto



Fonte: www.google.com

Figura 21: Liubov



Fonte: www.google.com

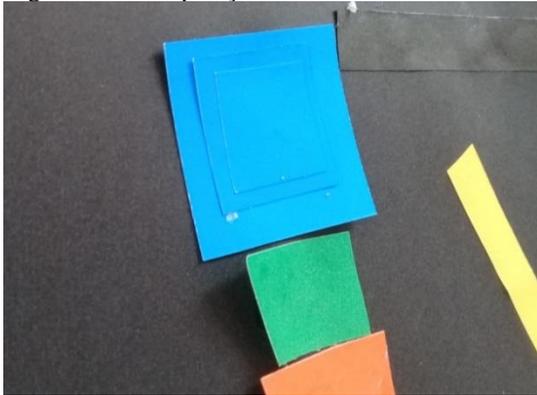
As formas geométricas recortadas no papel filipinho foram levadas em saquinhos separados para cada mesa e em quantidades iguais de formas e cores. A cola foi disponibilizada em quantidade que atendesse a cada grupo, sendo possibilitado o uso de pincel às crianças que não gostavam do contato direto com a cola.

A atividade ocorreu de forma tranquila e como o planejado, foi realizada uma conversa individual com cada criança a respeito de sua produção, de acordo com a disponibilidade das crianças durante o processo ou quando iam finalizando.

Marcada pela empolgação de falarem o que viam nas reproduções das obras, a leitura de imagens foi satisfatória, sendo necessária uma maior mediação entre as imagens e as crianças. A impressão que tivemos é a de que o abstrato é um bom dispositivo para o imaginar, visto que após a leitura dos elementos visuais, seguiam-se falas com a interpretação do que era “visto” pelas crianças, demarcando o repertório imagético individual e coletivo, como a “escada quebrada” visualizada por muitos na obra Sem título, de Malevich.

Tivemos como resultado final uma rica produção, que refletiu a atenção das crianças durante a discussão na leitura das imagens e o repertório individual. Podemos destacar a sobreposição das formas geométricas (Figura 22); a utilização de formas pretas sobre o fundo preto (Figura 23); a elevada carga figurativa na construção das imagens (Figura 24); o interesse individual, aqui exemplificado pelo Pac-Man (Figura 25), por uma criança que sempre utiliza elementos de jogos eletrônicos.

Figura 22: sobreposição



Fonte: Do Autor

Figura 23: forma preta sobre fundo preto



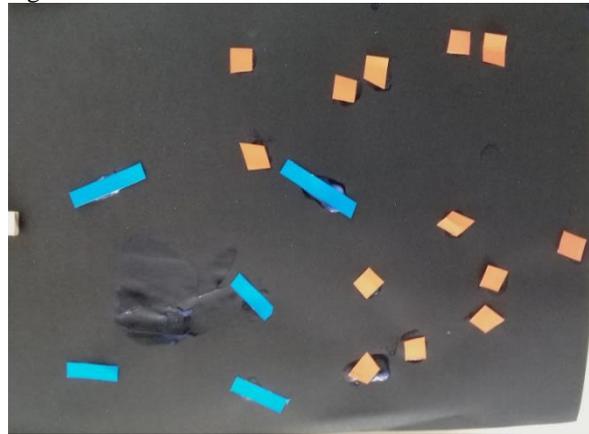
Fonte: Do Autor

Figura 24: o figurativo



Fonte: Do Autor

Figura 25: Pac-Man



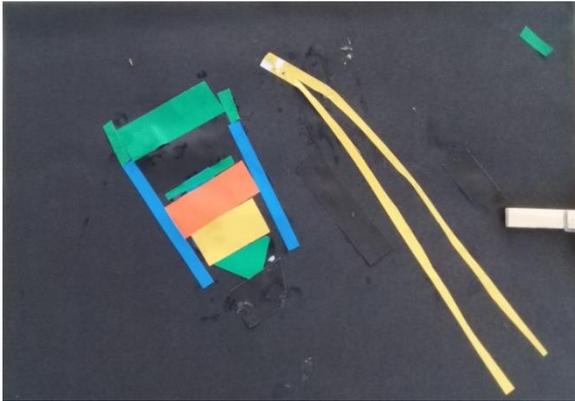
Fonte: Do Autor

Tivemos ainda a interpretação e a atribuição de sentido a uma forma já construída, como a “calça alongada” (Figura 26), que é composta por um corte incompleto entre dois retângulos esguios. Destacamos nesse processo, uma criança que alcançou o objetivo específico da atividade e construiu uma imagem abstrata intencionalmente. Na conversa, após finalizar a colagem, ela foi relatando a construção da composição e deixou claro que não havia nenhuma figura específica, seu trabalho é composto de poucos elementos sobrepostos com uma alta carga compositiva (Figura 27).

Ao dialogar com as profissionais que acompanhavam o grupo, elas relataram que essa criança costumava se concentrar na produção e que muitas vezes não resultava em uma figura, mas numa imagem com uma rica composição.

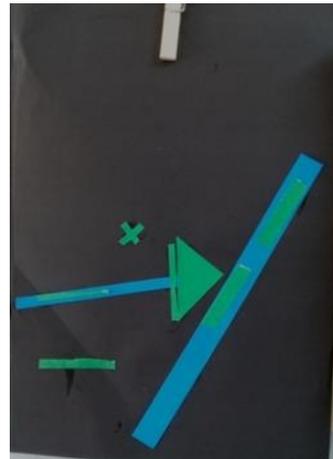
Por fim, apresentamos a expografia de todas as produções das crianças (Figura 28).

Figura 26: Calça alongada e foguete



Fonte: Do Autor

Figura 27: Composição abstrata



Fonte: Do Autor

Figura 28: Expografia de todas as produções do grupo



Fonte: Do Autor

Nessas conversas com as professoras-pedagogas que acompanhavam o grupo, pude perceber a diferença no olhar e concepções teóricas a respeito da produção das crianças. Elas relatavam que ao analisarem os trabalhos das crianças, compreendiam a produção figurativa como sendo “melhor”, construída como um desenvolvimento maior em relação àquelas que experimentavam mais e se permitiam usar mais da imaginação e de repertório individual. Em nossas conversas elas realçavam a diferença entre essas perspectivas. Nesse sentido, acreditamos que houve uma troca construtiva em nossas práticas, pois aprendemos muito com o olhar delas também.

Na sequência, trazemos a quarta atividade, que foi realizada após o momento de atividades no pátio, no dia 07 de junho de 2018. Encerrando o plano proposto com a experimentação de máscaras baseadas nas *Máscaras sensoriais* de Lygia Clark, que

contempla a arte participativa, marcando assim o período da Arte Contemporânea. Iniciamos com uma roda de conversa relembrando as atividades anteriores, visando assim, fazer a ligação entre todos esses momentos, prosseguindo com a divisão de quatro grupos, permitindo às crianças a escolha das máscaras que vestiriam.

No total foram cinco máscaras nas cores azul, vermelho, preto, amarelo e verde (Figura 29). As máscaras foram construídas com o intuito de explorarmos todos os sentidos das crianças: o olfato com os aromas de erva doce, canela, sabonete e alecrim; para o auditivo foi adotado guizos e sacola plástica, essa última, utilizada para o tato também, junto à textura do TNT, que foi o material utilizado na confecção; e para contemplar o sentido visual foi colocado visores na cor magenta, amarelo e furta-cor, alterando o ambiente ao vestir a máscara.

Nesse dia, as crianças estavam eufóricas, pois haviam ensaiado para uma apresentação de dança, o que ocasionou uma rápida experimentação e, em seguida, uma outra experimentação somada ao brincar. Fizemos novamente uma roda, após a vivência, na qual confirmamos, através das falas das crianças, que o objetivo de exploração sensorial foi atingido, visto que elas reconheceram os elementos que compunham as máscaras como o cheiro de canela e sabonete, o som dos guizos e as cores modificadas do ambiente (Figuras 30 a 33).

Figura 29: Máscaras sensoriais



Fonte: Do Autor

Figura 30: Máscaras sensoriais



Fonte: Do Autor

Figura 31: Máscaras sensoriais



Fonte: Do Autor

Figura 32: Máscaras sensoriais



Fonte: Do Autor

Figura 33: Máscaras sensoriais



Fonte: Do Autor

Houve uma busca por experimentar mais de uma máscara pela maioria das crianças, entretanto, algumas crianças optaram por experimentar somente uma. Tendo essa troca motivada principalmente pela cor da máscara e pelo visor que alterava o ambiente. Este último elemento envolveu o sentido da visão, foi muito explorado e apresentou algumas falhas na hora do manuseio e do vestir, os visores de duas máscaras se soltaram, todavia, foi o que causou maior interesse das crianças.

Após esse momento, fizemos uma roda de conversa para que as crianças pudessem esboçar suas opiniões sobre tudo que vivenciamos durante as atividades de Arte. Elas expressaram satisfação e, quando questionadas sobre qual dia elas gostaram mais, grande parte afirmou ter preferido o de máscaras, apenas uma delas gostou mais da atividade de pintura.

Pudemos ainda perceber as experiências vivenciadas pelas crianças durante as atividades por meio da observação de algumas falas delas no cotidiano, como o perguntar se em determinado dia teria atividade de Arte, e ao nos apresentar como professores de Arte para seus pais e responsáveis, demonstrando um reconhecimento do nosso papel naquele momento. Em relação aos profissionais que acompanhavam o grupo, destacamos a diferença de perspectivas em relação à produção das crianças, pois percebemos que houve uma troca enriquecedora em ambas as partes.

Finalizando

Quando planejamos abordar o desenvolvimento da arte do período figurativo ao contemporâneo, a partir do recorte histórico de trabalhos de artistas como Frans Post, Tarsila do Amaral, Kazimir Malevich, Liubov Popova, Lygia Pape e Lygia Clark, não imaginávamos a grande repercussão que essa temática teria entre as crianças. Um grande número de crianças

disse que brincar com as máscaras foi a atividade de que mais gostaram. Acreditamos que tal sentimento tenha sido ocasionado pela participação mais direta com o objeto e, principalmente, pela liberdade de ressignificá-lo, atribuindo uma relação direta com o ato de experimentar, vivenciar, brincar, a que elas estão acostumadas.

Isso nos leva a defender o ensino da arte contemporânea a partir da estesia como objetivo fundamental para o ensino da Arte na Educação Infantil, pois as crianças se mostraram curiosas e dispostas a aprender, a descobrir, a experimentar e a compreender o mundo ao redor a partir do que lhes era apresentado.

Finalizamos refletindo sobre essa rica experiência no contexto da Educação Infantil e destacamos que a sensorialidade e a estesia são pontos fulcrais a serem experienciados com crianças pequenas a partir da perspectiva de um ensino da Arte contemporâneo.

Somos gratos às crianças, que nos acolheram de forma calorosa e que tornaram as manhãs de quinta-feira inesperadas e cheias de aprendizados. Inferimos que, nesse processo de transformação, que é a infância, elas encontrarão na Arte a inspiração para se constituírem como sujeitos histórico-culturais. E quanto a nós? Cremos que assim como a Arte, que passa por constantes rupturas, nós também passamos pelo processo de metamorfose, pois essa experiência transformou nosso olhar em relação ao ensino da Arte na Educação Infantil.

Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

CANTON, Katia. **Do Moderno ao Contemporâneo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2006.

IABELBERG, Rosa. **O pensamento artístico modernista, a arte infantil e a educação artística**. Conventit Internacional, mai-ago 2018. Cemoroc-Feusp / IJI - Universidade do Porto.